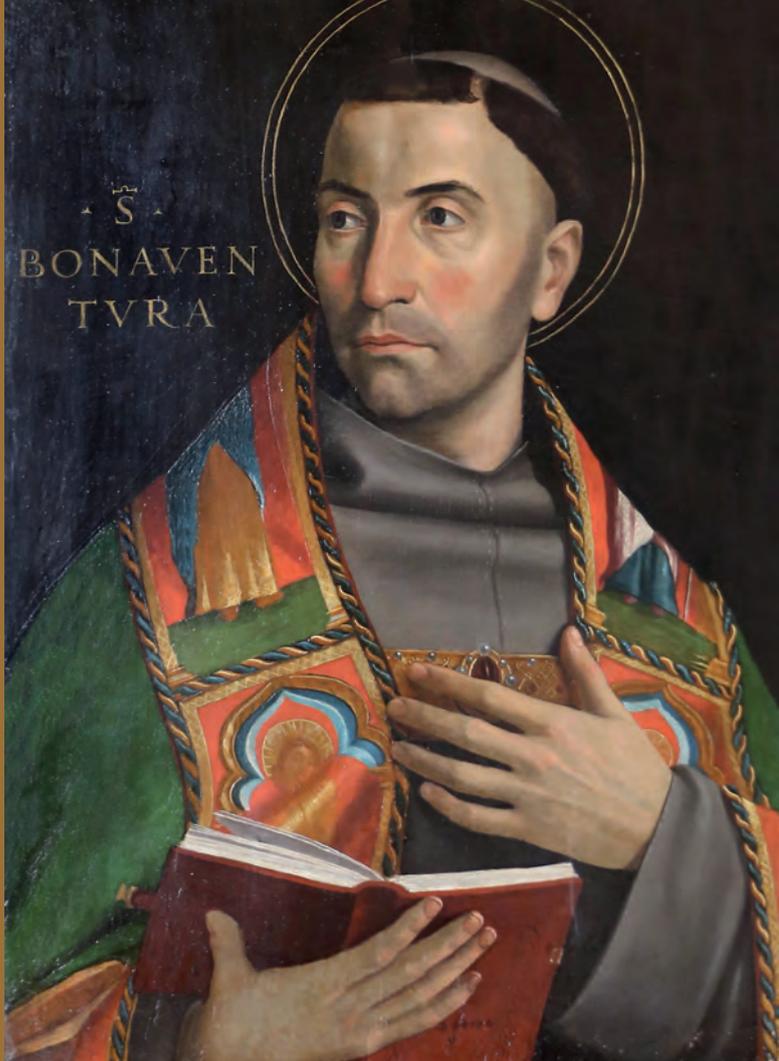


1274
2024

750°



São Boaventura uma voz ainda atual

CARTA DOS MINISTROS GERAIS
DA PRIMEIRA ORDEM E DA TERCEIRA ORDEM REGULAR
por ocasião dos 750 anos da morte de São Boaventura

Lecto genua
mea ad do
minū prem
dñi nri ihu
xpi ex quo oī
pinitas in celo et in terra
noīatur vt det vobis scōz
diuicias glē sue virtutē co
roborari per spm ei⁹ in
teriori hoīe habuere xpm p
fide in cordibz vris in cari
tate radicati et fundati
vt possitis pprehendere
cū oībus scōz que sit lon
gitudō latitudō sublimi
tas et profundū Dare etiā
freminere scōz trinitatē xpm
vt impleamini in oem
plenitudinē dei Magn⁹
doctor gentiū et predi
tor veritatis diuino imple
tus spū tāquā vas elec
tū et scōzificatū in hoc ver
bo aperit sacre scriptu
re que theologica dicit
ortū pgressū et statū in
sinuans ortū scōz que
attendit scōz influentiā
būssie trinitatis pgres

sū aut scōz exigētiā
hūane capacitatis. sta
tū vero siue fructū scōz
suy habūdantiā sepleis
siue felicitatis Virtus nā
q̄ nō est p hūanā inuesti
gationē s̄ p diuinā reue
lacionē que fluit a p̄lu
minū ex quo oīs p̄nitas
in celo et in terra noīatur
a quo per filiū ei⁹ ihu xpm
manat in nos sp̄s scōz et
per spm scōz didicē et dis
tribuentē dona singulis
put vult dat⁹ fides. et per
fide hātat xpc in cordibz
nris. Hec ē noticiā ihu xpi
ex q̄ originalit⁹ manat fir
mitas et intelligētiā tota
sacre scōz Unde et in
possibile ē qd̄ aliq̄s i ip̄s
ingrediat⁹ agnoscedā n̄
prius fide xpi habeat sibi
infusa tāq̄ tota sacre scōz
lucernā et ianuā et etiā
fundamētū Est enī ip̄a
fides oīm scōz et luā
cionū q̄ diu peregrinam⁹
a dño fundamētū stabili
ens et lucerna dirigens



2 de fevereiro de 2024
APRESENTAÇÃO DO SENHOR

*A todos os irmãos
da Primeira Ordem Franciscana
e da Terceira Ordem Regular,
e a todos os Irmãos e as Irmãs
da Família Franciscana*



1274
2024

750°

O aniversário de setecentos e cinquenta anos da morte do Doutor Seráfico, ocorrida no dia 15 de julho de 1274, oferece-nos hoje a ocasião de não só recordar e celebrar o serviço que ele realizou em favor da Ordem e da Igreja, mas também de propô-lo uma vez mais como um dom ainda válido e atual para os nossos dias.

E isso o Papa Paulo VI já nos recordava quando, em 1974, em ocasião dos 700 anos da morte de São Boaventura, em uma visita à grande Convenção Internacional, organizada para celebrar a memória do Doutor Seráfico, o recomendou “a todos os filhos da Igreja, para que, através da meditação atenta dos seus ensinamentos, pudessem tornar-se testemunhas eficazes na Igreja e no mundo inteiro”.

Conscientes da importância de sua figura, nem sempre reconhecida e apreciada de modo adequado- inclusive em nosso meio- queremos acolher novamente esse convite do Papa Paulo VI para compartilhar algumas reflexões sobre a vida e a mensagem de São Boaventura, na esperança de oferecer uma preciosa memória que nos ajude a viver melhor a nossa pertença à Ordem Franciscana e o nosso empenho em favor da Igreja e do mundo.

Não é uma tarefa fácil repropor em poucas linhas a riqueza teológica e franciscana contida nos nove volumes da *Opera omnia* de São Boaventura. Decidimos, por isso, destacar alguns aspectos dos três ambientes principais da sua atividade, seguindo a ordem cronológica em que foram vividos. Antes de tudo, Boaventura foi mestre de teologia na Universidade de Paris até 1257, quando, após haver sido



1274
2024

750°

eleito Ministro Geral da Ordem, missão que exercerá de maneira interrupta até o fim da sua vida, foi obrigado a deixar de lecionar. Ao realizar estes dois serviços (mestre de teologia e Ministro Geral), Boaventura mostrou-se também um místico, terceiro ambiente no qual também ofereceu a sua contribuição para o bem da Ordem e da Igreja, colocando a serviço dos demais a sua experiência de Deus e propondo possíveis itinerários para chegar-se a Ele.

A presente carta torna-se também uma importante ocasião para exprimir a nossa gratidão aos numerosos estudiosos, frades e leigos, que se ocuparam com paixão e afincamento, especialmente nos últimos cinquenta anos, deste grande e complexo teólogo, frade e místico, mantendo viva a sua memória e mostrando a riqueza e a atualidade do seu pensamento.

Mestre de teologia: com a mente em caminho para Deus

Boaventura nasceu em 1217, em Bagnoregio, uma pequena e muito particular cidade do centro da Itália, que fica localizada próximo a Viterbo. No ano de 1235, graças às possibilidades econômicas do pai, ele foi enviado a Paris para o estudo das Artes Liberais. É nessa ocasião que conhece a Ordem dos Frades Menores e aí decide ingressar em 1243. Por aquele tempo lhe foi solicitado que realizasse um percurso acadêmico de estudos em teologia, sempre em Paris, onde no ano de 1252/53 obtém o grau de *magister theologiae* no estudo dos frades de Francisco.

A sua produção teológica foi grandíssima. Recordamos somente algumas das obras: os quatro grandes volumes do *Comentário às Sentenças*, as *Questões Teológicas* junto com os *Sermões Teológicos*, o famoso opúsculo de 1259 do *Itinerário da mente para Deus*, para finalizar com as três séries de Conferências (*Collationes*) Universitárias realizadas em Paris nos últimos anos de vida, das quais a mais famosa é seguramente o *Hexamerom*. Não obstante todas essas obras, será o *Breviloquium* a obra mais interessante para conhecer o percurso



1274
2024

750°

Cidade de Bagnoregio

teológico de Boaventura. Esta obra foi composto por volta de 1257 como síntese teológica oferecida aos seus estudantes e a todos os frades. Nela, com efeito, Boaventura tenta “abreviar” e tornar mais acessível a descrição de Plano de Salvação presente na Escritura, o qual, “é transmitido, seja nos escritos dos santos, que nos doutores muitas vezes difundido”; não obstante o risco de ser entendido em princípio como “confuso, desordenado, inexplorado como uma floresta impenetrável” (*Breviloquium*, Prol. 6,5). É a partir desta obra, a seguir, que recordaremos alguns elementos significativos da sua teologia.

O primeiro aspecto está relacionado com a paixão em fazer teologia, que requer o esforço do método: quem estuda teologia deve possuir a disciplina da mente, movida pelo amor devoto, apaixonado e ardente. Sendo assim, dentre os trabalhos dos quais o frade é chamado a exercer, está também o intelectual, igual ou talvez mais exigente e fatigoso do que o manual. Trata-se, de fato, de fazer passar o que se crer (isto é, o que se crê pela fé) à dimensão do inteligível, concedendo-lhe as motivações: pois somente assim, o amor do que se crê alcançará o seu cume, oferecendo para a razão o argumento definitivo para aderir à fé. O esforço é árduo e exigente, pois o mestre é chamado “a trazer à luz as coisas escondidas”. E então, como Boaventura fez questão de notar



1274
2024

750°



Cesare Mariani,
Assunção
da Virgem Maria
na visão de
São Boaventura (1863).
Roma, igreja
de Santa Luzia
do Gonfalone

em antecedência no prólogo do *Breviloquium*, “ninguém achará esse trabalho fácil senão por uma longa prática na leitura do texto, confiando o sentido literal à memória” (Prol. 6,1). Tudo isso só é possível se “os desafios e objetivos” são claros, em razão dos quais assumir com seriedade e esforço a fadiga da inteligência da fé: “Então conheceremos verdadeira esse amor que supera todo conhecimento e seremos saciados da plenitude de Deus” (Prol 4). Para que a teologia nos permita crescer no bem e abraçar a salvação: *ut boni fiamus et salvemur* (Prol. 5,2).

O *Breviloquium* revisita um posterior elemento da teologia Boaventuriana: o Cristocentrismo. Nas sete partes que compõem o texto, que começa com o tratado sobre Deus “Uno e Trino” e culmina no retorno escatológico do homem a Deus, o centro textual é ocupado pelo Verbo encarnado. Nessa perspectiva, Cristo emerge como a chave da história da salvação, a “perfeição do universo”, a fonte da nossa “re-criação”. A vida cristã inicia, dessa forma, entrando com a inteligência e o amor no mistério da história da salvação, que tem em Cristo a sua lógica definitiva.



1274
2024

750°

É somente através do caminho de Cristo que se chega ao estupor inteligente de Deus! Na teologia de Boaventura se escuta novamente, bem lá no fundo, os sentimentos de Francisco de Assis que exclamou: “Portanto, nada mais desejemos, a não ser o único Deus verdadeiro, que é o bem pleno, todo o bem, o bem total, verdadeiro e sumo bem, o unicamente bom!” (RnB 23,9). Como verdadeiro filho do *Poverello*, Boaventura contempla o Altíssimo como mistério infinito de bondade, o qual se doa mediante Cristo em todas as realidades. O Pai, fonte não-gerada de bondade, comunica total e infinitamente a própria natureza divina ao seu Filho predileto, à “pessoa mediadora” da Trindade. No seu sopro recíproco de Amor, se unem no vínculo do Espírito, o “dom no qual nos são concedidos os outros dons”. Esse sopro se expande de tal maneira que toda a criação e cada criatura levam cada coisa à plenitude do amor divino, que é o sumo Bem e todo o Bem.

Momento expressivo e produtivo do Bem é o ato criador do cosmo que continua em expansão, não somente em termos de natureza, mas também de conhecimento. Seja o ser como o conhecer revelam a mesma origem e o mesmo fim: a plenitude e a expansão do Bem. Ambos estão escritos no “Livro da Criação” e podem ser lidos pela inteligência e pelo amor do homem, chamado a reconhecer e amar em cada coisa o Deus Uno e Trino. É precisamente o que nos recorda o Papa Francisco na Encíclica *Laudato si'*, repondo explicitamente Boaventura: “cada criatura carrega em si uma estrutura propriamente trinitária [...] *cada criatura carrega em si uma estrutura especificamente trinitária*” (n. 239); pela qual- sempre fazendo referência ao Santo de Bagnoregio- deveria obter uma “reconciliação universal com todas as criaturas” (n. 66). Isso só é possível porque, como disse Boaventura, “O Verbo divino está presente em cada criatura e por isso cada criatura fala de Deus” (*Comentário ao Eclesiastes*, c. 1 ad resp.).

A pessoa humana, dessa forma, é o reflexo privilegiado das relações trinitárias, a qual, com o dom infuso do Espírito Santo, leva à perfeição o mistério contido no universo



1274
2024

750°

inteiro. É neste contexto antropológico que Boaventura qualifica a pessoa humana como “microcosmo”, que não se trata somente de uma comparação com o “macrocosmo”, mas que se torna o seu cumprimento ou, vice e versa, a sua destruição: a qualidade da vida humana condiciona a qualidade do ambiente no qual se vive. Isso nos faz questão de recordar continuamente o Papa Francisco, quando faz referência ao grito que emerge da terra e dos pobres. Todas as vezes que favorecemos “a fraternidade e a amizade social” entre os povos, favorecemos também a qualidade ambiental sobre a terra, defendendo-a da nossa competitividade e ganância.

Portanto, segundo Boaventura, a inteligência teológica deve converter-se em experiência de Deus e paixão por este mundo, permitindo que descubramos nele um sinal claro do amor divino.

O mestre de Bagnoregio nos questiona vivamente sobre a escuta, que não se resume somente à Escritura, mas que engloba o grito conjunto da terra e dos pobres, que ilumina a nossa inteligência e o nosso afeto, fazendo-nos capazes de “trazer à luz as coisas escondidas (de Deus)” e de sermos um dom para “todos os filhos da Igreja” e do mundo.

Ministro da Ordem: um guia apaixonado

No dia 2 de fevereiro de 1257, aproximadamente aos 40 anos, a vida de São Boaventura mudou radicalmente. Durante o Capítulo celebrado em Roma, na igreja de *Ara Caeli*, onde participaram ao redor de cem frades representantes das trinta e três províncias da Ordem, e que, sob a sugestão do Ministro Geral cessante, João de Parma, elegeram para a missão de Ministro Geral um frade que não participava do Capítulo e que estava em Paris: Boaventura de Bagnoregio.



1274
2024

750°

Desde o princípio Boaventura foi consciente do exigente fardo que o Senhor lhe pedia que carregasse: o governo de 30.000/35.000 frades que estavam espalhados por toda a Europa, pela Inglaterra e que chegavam até os confins da Mongólia/China e norte da África. O rápido crescimento, somado com a complicada presença na Ordem de profundas diversidades culturais, constituíam motivos de delicada preocupação, que deveriam ser afrontadas com grande atenção e amor. De fato, será isso que emergirá na sua primeira carta circular, escrita imediatamente após a eleição, em abril de 1257. Além de chamar os frades à conversão da mente e do coração sobre os diversos pontos da vida minorítica, Boaventura quis recordar qual era a vocação dos frades dentro da Igreja: “ser espelho de plena santidade” (*Carta I*, 1: in *Opere di San Bonaventura: Opuscoli francescani*/1, vol XIV/1, Roma 1993, 113). Dentre os vários pontos que o recém-eleito Ministro geral enfatizou na sua carta, um pareceria ainda ser bastante válido: “fazer trabalhar os frades preguiçosos”.

Para favorecer essa renovação da qualidade de vida, Boaventura, sempre a pedido do Capítulo geral, escreverá dois importantes textos. O primeiro será aquele que foi apresentado em 1260, no Capítulo de Narbona, quando a assembleia aprovará as *Constituições Gerais*, nas quais os compiladores haviam reorganizado e completado as várias e confusas constituições que a Ordem, a partir de 1239, se havia dado com o passar do tempo. No Capítulo sucessivo, celebrado em Pisa, em 1263, a Assembleia dos frades acolheu e oficializou a segunda obra produzida por Boaventura: *A Legenda Maior e Menor* de São Francisco, textos com os quais se fixava para todos e para sempre a definitiva narração sobre a santidade de Francisco. Com as duas obras, a jurídica e a narrativa, Boaventura oferecia aos frades uma dupla e complementar série de indicações: as normas jurídicas a serem seguidas e o modelo de vida a ser imitado.

O qualificativo de Boaventura como “segundo fundador da Ordem”, se bem seja exagerado, possui em si uma parcela de verdade. Com o seu longo mandato de Ministro geral,



1274
2024

750°

Boaventura proporcionou uma definitiva identidade aos frades menores, reforçando e aclarando um duplo aspecto: um esforço grande pela evangelização e uma fidelidade atenta à própria vocação minorítica. Em ambos os aspectos a figura de São Francisco constituía uma referência decisiva: a sua santidade era a garantia. É aquilo que Boaventura já antecipa com muita solenidade no Prólogo da sua *Legenda*, onde Francisco é qualificado como “mensageiro de Deus, digno do amor de Cristo e posto como exemplo para o perfeito seguimento de Cristo” (LM prol. 2: FF 1022). Portanto, como Geral da Ordem, ele assumiu para si com coragem e inteligência uma missão delicada: custodiar os elementos do ideal dos primeiros frades, integrando-os com o desenvolvimento da identidade da Ordem forte e amplamente comprometida na atividade pastoral e cultural de promoção da fé e da vida cristã.

Duas outras obras “franciscanas” de São Boaventura merecem ainda ser mencionadas aqui. Para a formação dos noviços, em 1260 compôs uma *Regra para os noviços* na qual, entre outros aspectos, recordava àqueles que desejavam abraçar aquela vida que “a pobreza voluntária é o fundamento do completo edifício espiritual”. Outro texto é a ampla e rica coleção dos *Sermões Dominicais e dos Santos* (1267-1268): consciente da inadequada preparação dos frades para o ministério da pregação, Boaventura, com as suas pregações, desejava destacar a importância desse serviço, oferecendo um instrumento que lhes ajudassem a realizar melhor esse ministério.

Calcula-se que Boaventura, durante o seu mandato de Ministro Geral, consumiu um quarto de todo o seu tempo caminhando pelas estradas da Europa. Suas viagens como animador e guia da Ordem, de fato, foram concluídas no dia 23 de maio de 1273, quando a Papa Gregório X o nomeou cardeal e bispo de Albano, solicitando a sua colaboração de maneira especial na preparação do II Concílio de Lyon, que deveria ser celebrado no ano seguinte. Naquela ocasião foi convocado na própria cidade de Lyon um Capítulo Geral Extraordinário para proceder com a nomeação do sucessor



1274
2024

750°

de Boaventura na condução da Ordem. Foi eleito Jerônimo de Ascoli, o futuro Papa Nicolau IV. Dois meses mais tarde, durante a realização do Concílio, Boaventura, na manhã do domingo de 15 de julho, deixava este mundo para encontrar-se com Aquele que havia buscado com todo o coração e a mente. As suas exéquias foram celebradas no dia sucessivo. Nos Atos do Concílio se recorda aquele acontecimento com estas belas palavras: “Boaventura foi amado por Deus e por todo o povo” e “todos aqueles que o encontraram em vida nutriram um profundo afeto por ele”.

Como Ministro Geral, Boaventura nos deixa como herança um testemunho eloquente e forte: o seu amor pela Ordem, na qual havia entregado a santa Memória de Francisco como medida definitiva de fidelidade à vocação de Irmão Menor e comprometimento com a evangelização.

Nesse sentido, Boaventura, como “ministro”, nos convida a que nos questionemos sobre o nosso sentido de pertença à Ordem, incentivando-nos a vivê-lo, seja como dom recebido de Deus, seja como comprometimento a ser realizado junto, em favor da Igreja e do mundo.

Místico do Amor: o afeto, ápice do conhecimento

Na história, Boaventura, mais que como ministro e mestre, acabará sendo lembrado como místico, inclusive sendo definido por Leão XIII como “o príncipe da teologia mística”. E isso é verdade: para Boaventura, é na vida mística que se cumpre o caminho, seja da inteligência aplicada à fé, seja o sentido de pertença à Ordem Menor, pois em um ou em outro caso o fim é o mesmo: o “experenciar” a Deus.

Nesse caminho o ponto de referência colocado por Boaventura é certamente o acontecimento místico dos estigmas de São Francisco: “como estivesse arrebatado em Deus por seráficos ardores dos desejos e por compassiva doçura se



1274
2024

750°



Biagio Puccini,
São Boaventura
em êxtase (1708).
Roma, igreja de
São Paulo em Regola

transformasse naquele que por excessiva caridade quis ser crucificado” (LM XIII, 3).

Diante da pergunta sobre quais são os processos que possibilitam “a experiência de Deus”, Boaventura, bebendo daquilo que ele mesmo viveu, oferece uma resposta fulgurante, proposta conclusiva do famoso opúsculo, *Itinerarium mentis in Deum*: “Se agora procuras saber como isto acontece, pergunta-o à graça e não à ciência, ao desejo e não à inteligência... não à luz, mas ao fogo que tudo inflama e leva a Deus” (*Itinerarium VII 6*).

O processo nasce, porém, de um pressuposto antropológico: o homem é um “ser de desejos” (*vir desideriorum*) tendendo por natureza para a única e última realidade que poderá saciar a sua busca: Deus. O próprio Boaventura foi um



1274
2024

750°

homem de anseios: seja no serviço da Ordem e na docência acadêmica, seja na pregação do Evangelho, ele foi movido pelo desejo de contemplar o Cristo Crucificado, referência última para pensar e amar a Deus. Somente Nele, de fato, se encontra a raiz do estupor que deveria inflamar o coração e a mente de cada homem: o excesso de amor com o qual Ele quis ser crucificado. Envolvido e transportado para esse amor pode-se ser conduzido a Deus: “Passamos com Cristo Crucificado desse mundo para o Pai” (*Itinerarium* VII 6). Nesse caminho de retorno afetivo, Páscoa Mística, Cristo é dessa maneira o meio, o centro, não somente do mistério trinitário, mas também da dinâmica do coração do homem e no seu desejo de Deus: Ele é o único Mediador “para reconduzir os homens a Deus” (*De reductione* 23).

Compreende-se assim, a partir desses acenos, que a mística de Boaventura é essencialmente relacional, ordenada para o Outro, isto é, em direção a Deus, mediante a carne humana daquele que, por excessivo amor, se fez um de nós para tornar-nos um com Deus. O misticismo boaventuriano pode ser, dessa forma, comparado a um caminhar do homem acompanhado da humanidade de Cristo como único caminho ao Pai. Por consequência, na sua proposta cristológica da via mística, se realizam as palavras com as quais Francisco de Assis inicia a Regra não Bulada: “A vida e a regra dos frades é seguir a doutrina e as pegadas do Senhor nosso Jesus Cristo” (*Regra não Bulada* I, 1), aquele que se fez Verbo encarnado e crucificado.

Em uma pregação sobre o Natal, os dois momentos da carne de Cristo são colocados em perfeita sintonia: “Para realizar a paz perfeita, o Mediador fidelíssimo primeiro deuse a si para a humanidade no Natal e depois se ofereceu totalmente a Deus, a favor dos homens na Paixão”. No ver, crer e aderir a esse mistério de amor encarnado e crucificado se realiza o caminho do homem, animado e sustentado pelo Espírito Santo: “não o recebe quem não o deseja, nem o deseja, senão aquele está inflamado intimamente pelo fogo do Espírito Santo enviado por Cristo sobre a terra” (*Itinerarium* VII 4).



1274
2024

750°

O dom do Espírito, que permite a realização da Páscoa mística, não evita, porém, ao homem o cansaço do caminho, isto é, uma experiência de Deus buscada e realizada mediante um processo feito por graus e ordem. As obras ascético-místicas de Boaventura são a oferta de um método com o qual se exercitar no desejo e na busca. Recordamos aqui somente dois textos: *A Árvore da Vida* e o *Triplô Caminho*. No primeiro, no centro está a contemplação afetiva do Cristo revelado sobre aquela árvore da vida que foi a cruz; no segundo, é oferecida, por outro lado, a meditação de três momentos da experiência humana, as três vias com as quais experienciar antes de tudo a paz (através da purificação dos desejos), depois a verdade (através da iluminação do intelecto) e por fim a caridade (através do Espírito que inflama a alma para uni-la ao amor de cruz e sponsal de Cristo).

Boaventura nos recorda, dessa maneira, que o homem é uma “realidade de desejos” chamado a caminhar em direção ao Uno que doa ao todo a sua unicidade, verdade e beleza.

Mas nesse caminho de encontro cotidiano com o Uno que somente nos basta, não se correrá o risco talvez de “distrair-se”, afastando-se dele por estarmos distraídos na multiplicidade?

Quantas vezes experimentamos essa “distração” na qual perdemos o Todo confundindo-o com as partes?

Em vez disso, Boaventura nos recorda, que cada coisa possui um sentido e um valor se ela nos ajuda a alcançarmos a única coisa necessária: “sermos conduzidos a Deus”. A celebração centenária dos Estigmas de São Francisco de 2024 não deveria, e portanto, ser o tempo de uma memória do essencial, graças à qual obteríamos de modo novo e pleno todas as outras coisas?





1274
2024

750°

Conclusão: a tripla herança deixada a nós por Boaventura

Em julho de 1274, Boaventura terminava a sua vida consumida com generosidade e paixão nos três âmbitos que representam também para nós aspectos constitutivos da nossa vocação religiosa e que devem ser “meditados”, como nos convidava com “atenção” Paulo VI, que foi citado no começo dessa carta.

Como *mestre* de teologia, Boaventura nos ensina o caminho da inteligência sapiencial, graças à qual se passa da escuridão confusa da floresta a uma compreensão mais profunda da nossa fé (iluminação), trazendo “à luz as coisas escondidas”. Como *Ministro* da Ordem, nos relembra o esforço que devemos realizar para fazer da nossa vida um testemunho animado de disponibilidade para a renovação (purificação) de modo que, também nas circunstâncias temporais e culturais radicalmente diversas, a nossa vida minoritária permaneça como um “espelho luminoso de santidade”. Enquanto *místico*, nos mostra o centro de onde tudo se origina e se realiza, isto é, o Cristo Crucificado, o qual da Cruz nos doa “o fogo do Espírito Santo” por meio do qual alcançamos o nosso fim último: “ser elevados” e “configurados em Deus”, o Uno que preenche todas as coisas e que faz com que sejam boas e belas.

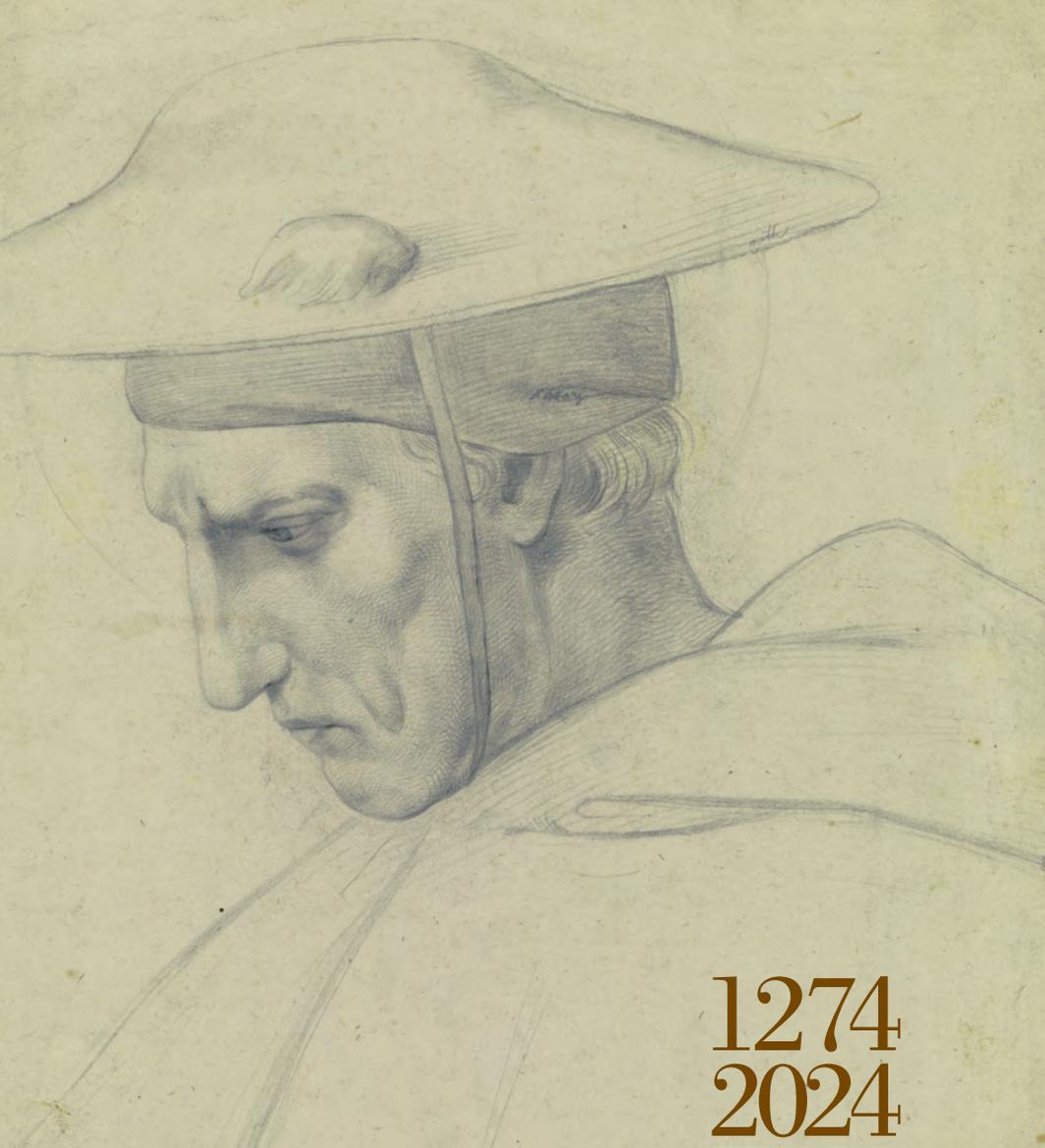
Paz e todo o Bem.

Fr. Massimo Fusarelli, OFM
Ministro Geral

Fr. Carlos Alberto Trovarelli, OFM Conv
Ministro Geral

Fr. Roberto Genúin, OFM Cap
Ministro Geral

Fr. Amando Trujillo Cano, TOR
Ministro Geral



1274
2024

750°



Conferência dos Ministros Gerais
da Primeira Ordem Franciscana e da TOR